

## Local Antiga fábrica vai acolher alunos de duas instituições superiores

# IPCA entra no projecto de construção de residência universitária na Confiança

A residência universitária preocupa a Plataforma Salvar a Fábrica Confiança, que acusa a autarquia bracarense e a Universidade do Minho de “promoção do fachadismo” da antiga saboaria

Numo Rafael Gomes

O Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) vai juntar-se à Câmara de Braga e à Universidade do Minho (UMinho) na construção de uma residência universitária pública na Fábrica Confiança. Será instalado “um edifício novo”, “que vai surgir ao lado” do da antiga saboaria, que terá espaço para 600 camas, restaurante, spa, ginásio e salas de trabalho e de lazer. O projecto está “enquadrado no Plano de Recuperação e Resiliência” (PRR) e a candidatura será submetida “até meados de Setembro”, avança Ricardo Rio, presidente da autarquia bracarense, ao PÚBLICO. Estima-se que a obra custará entre 18 e 20 milhões de euros.

A pretensão de construir uma residência universitária nas imediações da fábrica, que foi classificada como monumento de interesse público em Outubro do ano passado, já havia sido anunciada. A novidade é mesmo a inclusão do politécnico nos projectos. “O desafio”, diz o autarca, partiu “do próprio IPCA” durante a visita do ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior à Escola Técnica Superior Profissional, o pólo de Braga do politécnico, a 16 de Julho. De acordo com a Rádio Universitária do Minho, Manuel Heitor “manifestou o desejo de vir a inaugurar a nova residência ‘muito em breve’” – até porque “em Braga e Guimarães é onde há mais necessidade de alojamento a preços regulados”.

A decisão da construção da residência universitária preocupa a Plataforma Salvar a Fábrica Confiança, que, em comunicado, acusa o município e a academia minhota de não terem apresentado, “até ao momento, qualquer iniciativa para promover a preservação museológica” do monumento ou a “divulgação da memória industrial da cidade, dando a entender, pelo contrário, que o edifício centenário poderá ficar reduzido às fachadas”.

O movimento cívico, que vê as intenções das entidades envolvidas como uma “promoção do fachadismo” da antiga saboaria, salienta ainda que a câmara “não ouviu a população ou grupos de cidadãos da freguesia de São Victor, nem pôs o programa e o projecto em consulta pública”. Por seu lado, Ricardo Rio refere que o projecto “não tem de ir para consulta pública” e que a futura candidatura



NELSON GARRIDO

**Movimento cívico diz que se vai promover o fachadismo na adaptação da fábrica a residência universitária**

“

**A Escola Francisco Sanches é que deveria ser usada para residência. Já foi um colégio e tinha tipologia para alojamento**

Cláudia Sil

está “alinhada com o PIP [pedido de informação prévia] aprovado anteriormente”, que a legítima.

Da parte do IPCA, esta parece ser uma boa opção para que os alunos deslocados que frequentem o pólo bracarense tenham onde dormir – até porque, prevê a sua presidente, Maria José Fernandes, a escola acolherá “mil alunos no próximo ano lectivo”. “A alternativa era o IPCA procurar e fazer a sua residência”, explica, entendendo que “esta articulação regional é fundamental até na gestão dos fundos que aí vêm”, de forma a evitar que diferentes municípios se atropelam nas suas estratégias.

Mas esta não é a única empreitada que, por Braga, vai suscitando críticas – a reabilitação da antiga Escola de Francisco Sanches, anunciada já em Fevereiro do ano passado, também o faz. A câmara quer criar ali um centro cívico de matriz cultural, cuja primeira fase de obras está orçada em cerca

de 1,75 milhões de euros. Ontem, em reunião do executivo municipal, foi aprovada a abertura do concurso público para a intervenção.

O objectivo é que as divisões do edifício fiquem “com conforto e renovação necessárias para albergar as funções culturais no âmbito das actividades das artes visuais e performativas”. A antiga escola acolherá o arquivo municipal, bem como “salas de consulta e uma biblioteca” e “uma zona de tratamento e higienização de documentos”. Terá ainda “uma galeria de exposições” e o seu “próprio auditório”, acrescenta o autarca.

Cláudia Sil, da Plataforma Salvar a Fábrica Confiança, considera que as prioridades das “entidades com responsabilidades culturais” estão trocadas: “A antiga Escola Francisco Sanches deveria ser utilizada para residência universitária. Já foi um colégio e tinha já a tipologia para alojamento. A Confiança, que é um

monumento de interesse público, deveria ser mantida como é, como monumento e com funções culturais.” A área global da antiga escola, de 6415 metros quadrados, é mais “adequada a uma residência universitária de grande dimensão” do que a da fábrica, que “tem cerca de 3500 metros quadrados de área bruta de construção”. A governação autárquica, caracteriza, é “errática” e as decisões são “aleatórias”.

A representante do movimento cívico questiona: “O problema do alojamento é grave e deve ser estudado, mas foi preciso surgir a Confiança para o IPCA e a UMinho resolverem o problema dos estudantes? Só há este edifício?” Ricardo Rio assegura, da parte da autarquia, que a conservação patrimonial da fábrica está “absolutamente garantida”. Ainda assim, nota Cláudia Sil, este não é o destino que a população de São Victor quer para aquele edifício.